

**Histórias inspiradoras** sobre gente que provou que todos estavam errados

# “EU (não) POSSO!”

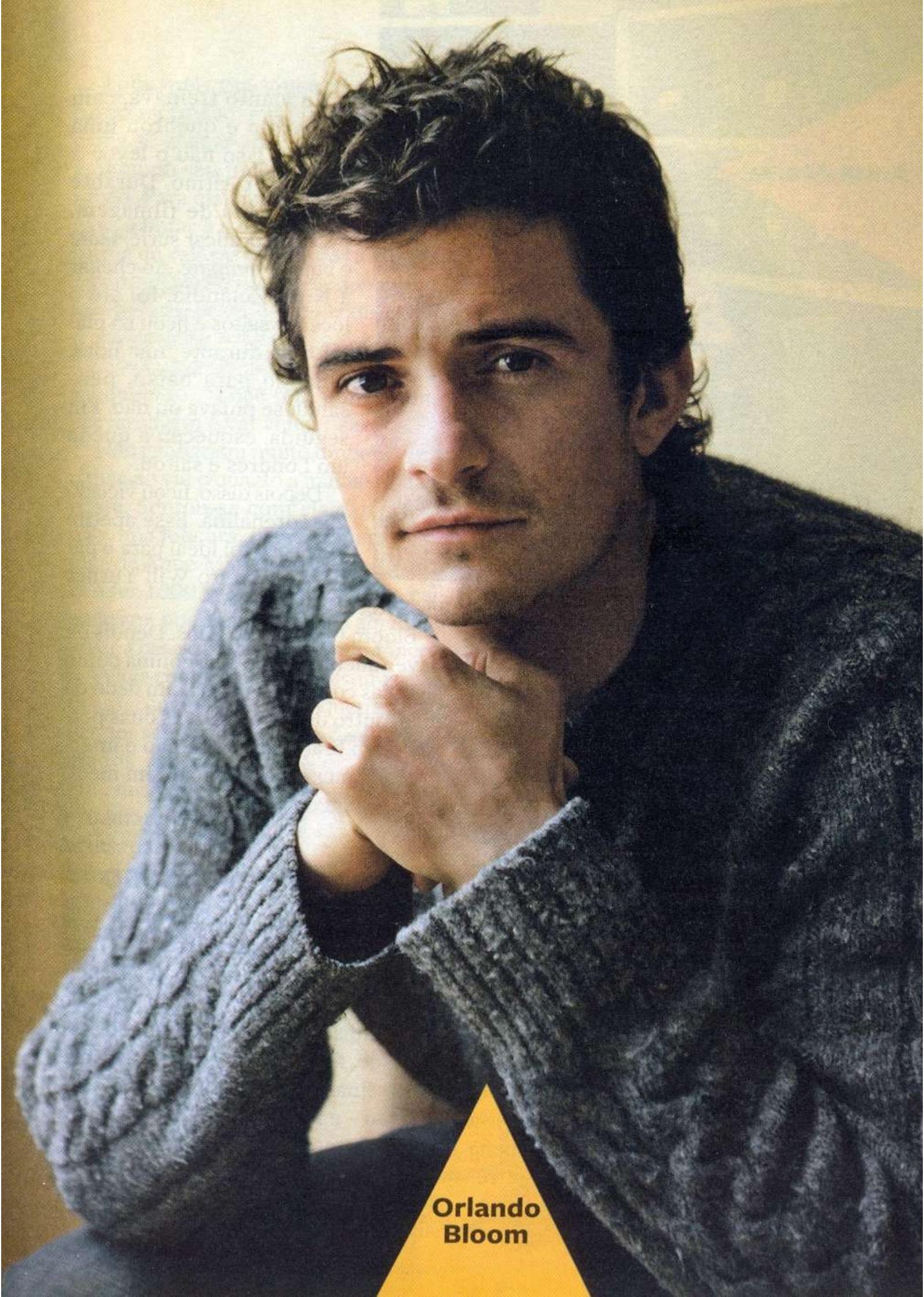
POR GARY SLEDGE Reportagem de Bridget Nelson

**Você não voltará a andar**

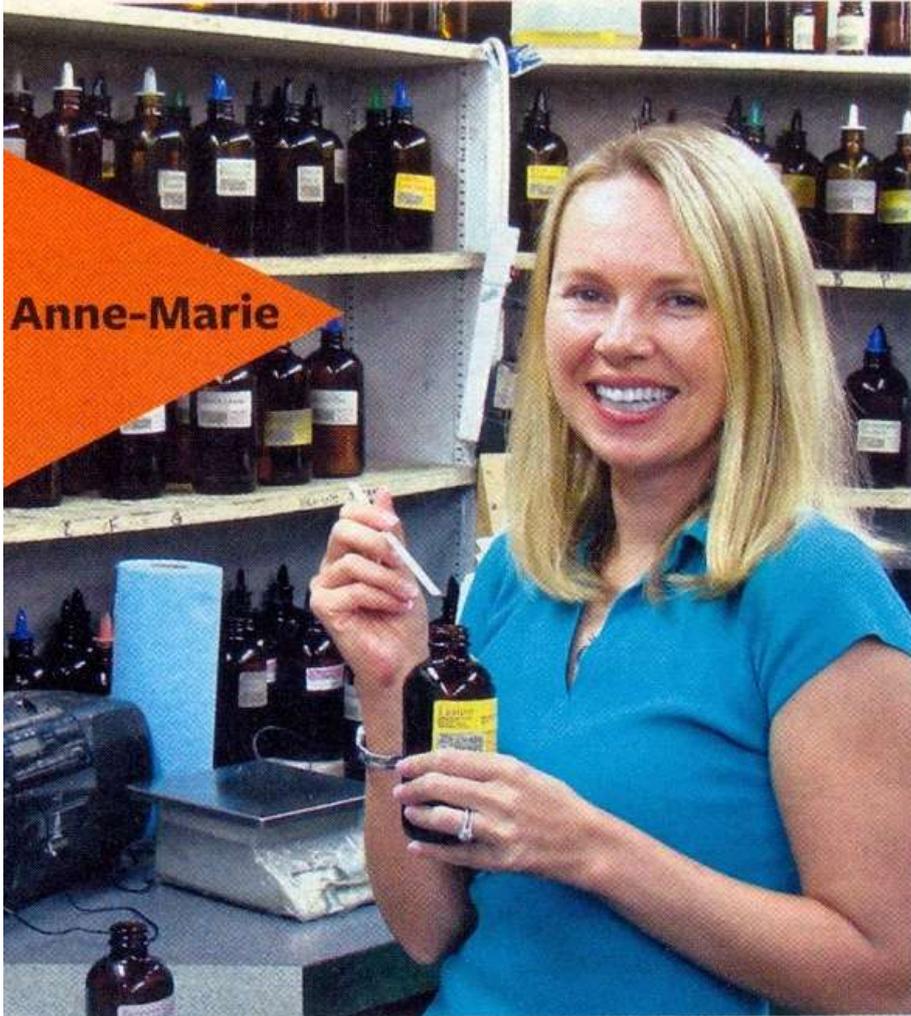
**Ele saiu pela janela do apartamento** de um amigo, numa rua de Londres, e começou a andar pela calha estreita, para consertar uma porta emperrada no terraço. Tinha apenas 21 anos, idade em que todos nos sentimos imortais. Então, a calha cedeu – e Orlando Bloom despencou de uma altura de três andares.

A ambulância chegou. Levado às pressas para o hospital, foi submetido a uma cirurgia na coluna que durou seis horas, e acabou recebendo placas e pinos. Mais tarde, o médico lhe disse a verdade nua e crua: você talvez não volte a andar.

Bloom já havia superado choques antes: problemas de família e uma batalha pessoal com a dislexia, doença que parecia limitar suas perspectivas, até a descoberta da carreira de ator – e das infinitas possibilidades que



**Orlando  
Bloom**

A photograph of Anne-Marie Faiola, a blonde woman with a bright smile, wearing a blue polo shirt. She is in a laboratory or pharmacy, surrounded by shelves of dark glass bottles. She is holding a small vial in her right hand and a larger bottle in her left. An orange triangle in the top left corner contains the name 'Anne-Marie' in white text.

Anne-Marie

ela abria. Poderia ser o *Super-Homem* ou o jogador de *Desafio à corrupção*, ou o herói de *O último dos moicanos*.

Agora, todas as possibilidades pareciam lhe escapar para sempre – a fantástica variedade de papéis se reduzira a um: o de paraplégico.

Bloom se recusou a desistir. Jurou que caminharia outra vez. E, se caminhasse, não permitiria que o medo limitasse sua vida. Doze dias após ser internado, com passos hesitantes, ele saiu andando sozinho.

Treze meses depois, pouco antes de se formar na Guildhall School of Music and Drama, ofereceram-lhe o papel do elfo guerreiro Legolas Greenleaf, em *O senhor dos anéis*. O papel exigiria muito fisicamente. Ele teria de andar a cavalo, manejar a espada e fazer longas caminhadas por terrenos acidentados. Se valeu o risco? Claro, responde Bloom.

Enquanto treinava, caiu do cavalo e quebrou uma costela. Isso não o levou a diminuir o ritmo. Durante os 18 meses de filmagem, passou a praticar surfe, *skate* e *bungee jumping*. Ao chegar à Nova Zelândia, foi até o local de saltos e ficou na plataforma durante uma hora, olhando para baixo, pensando se pulava ou não. Em seguida, esqueceu a queda em Londres e saltou.

Depois disso, ficou viciado em adrenalina. Esse apetite pela ação foi ideal para o papel do ferreiro Will Turner

em *Piratas do Caribe*.

Bloom tem hoje 30 anos. Depois de haver quebrado não só a coluna como algumas costelas, o punho, um dedo da mão, outro do pé, o nariz, as duas pernas e um braço, sabe que não é imortal. Mas mesmo assim não tem medo de atuar ou de viver.

## Você é um fracasso

Anne-Marie Faiola não agüentava mais aquilo. Tinha de largar a prisão. O mais triste de tudo era que, desde criança, seu grande sonho era trabalhar para o FBI. Tinha estudado, freqüentado a faculdade, feito cursos de justiça criminal e finalmente se candidatado ao Bureau – e fora rejeitada. Acabara em Bellingham, Washington, como guarda de uma penitenciária de segurança mínima. E ela própria admite: “Eu era péssima no que fazia.”

Após mais um longo plantão noturno na prisão, em vez de ir para a cama ao chegar em casa, Faiola mergulhou no seu projeto favorito: fazer sabão. Para ela, um *hobby* que a obrigava a botar a mão na massa era uma forma de relaxar e fugir das angústias da profissão. Pouco a pouco, começou a se perguntar se poderia transformar o passatempo em emprego. A família a amava, mas achava que ela havia enlouquecido. “Você tem um diploma universitário e vai vender sabão?”

Não ganhariam muito dinheiro, mas o marido viu o quanto a mulher andava triste. Sentou-se com ela e, fosse ou não uma loucura, planejaram juntos a fuga de Anne-Marie. Se ela conseguisse vender 1.300 sabonetes por mês, calcularam, poderiam “pagar o aluguel e viver à base de macarrão instantâneo”.

Faiola começou a fazer misturas exóticas na cozinha de sua pequena casa e vender seus perfumados sabonetes em mercados de produtores e feiras de artesanato. Em determinado momento, mergulhou de cabeça e usou o cartão de crédito para comprar 15 mil dólares em ingredientes e essências. Era matéria-prima demais.

Então, teve outra idéia. Como a maioria dos for-

necedores ficava na Costa Leste do país, ela venderia o material excedente para outros fabricantes de sabonete caseiro da Costa Oeste. Montou uma página na Internet e esperou que os pedidos começassem a chegar.

Era 1999. A fabricação de sabonetes caseiros começou a virar moda na TV, e, de repente, todos rastreavam a Internet atrás de matéria-prima. Encontraram a Bramble Berry, empresa de Faiola. E as vendas dispararam.

Hoje, o negócio iniciado na cozinha de Faiola tem faturamento anual de três milhões de dólares. “Temos clientes nos 50 estados americanos e compramos materiais no mundo todo: óleo de lavanda da Hungria, de laranja, e de alecrim, da Espanha.” É um mundo muito maior do que o xilindró.

## Suas chances são zero

Há dois anos, enquanto estava de férias, Scott Adams, cartunista criador do personagem Dilbert, perdeu a voz. Ele pensou que alguma alergia tivesse desencadeado uma crise de laringite. Mas aquilo durou mais de um



**Scott Adams**

mês e não houve antibiótico ou qualquer outro remédio que desse jeito.

Adams consultou um otorrinolaringologista, um neurologista, dois fonoaudiólogos e até um psicólogo. Todos ficaram perplexos.

Um dia, num momento de inspiração, diante do Google, encontrou o nome de sua enfermidade rara: disfonia espasmódica. E entrou em contato com um neurologista especializado. “Quantas pessoas melhoram?”, perguntou Adams ao médico.

“Zero”, respondeu ele.

As pequenas coisas para as quais não damos a menor importância, como falar ao telefone ou conversar com amigos num restaurante, tornaram-se impossíveis para Adams, principalmente se houvesse ruídos de fundo. Esses prazeres triviais desapareceram.

**Embora não haja cura** para a disfonia, injeções de Botox, aplicadas diretamente nas cordas vocais, podem ajudar, relaxando os músculos e proporcionando uma voz fraca e quase normal. Mas o Botox leva algum tempo para fazer efeito, chega ao pico de efetividade em algumas semanas, depois começa a desaparecer – e a voz vai sumindo junto. Adams estava decidido a encontrar outra solução.

A explicação-padrão para a disfonia é que a causa subjacente não é apenas física, mas também neurológica. As partes do cérebro responsáveis pela fala normal são, de alguma maneira, desconectadas das passagens neurais que levam às cordas vocais.

Isso pode ocorrer, como no caso de

Adams, quando se forçam demais as cordas vocais para falar durante um caso de laringite. Esse “curto-circuito” tem manifestações estranhas. Algumas pessoas afetadas não conseguem falar, mas podem cantar ou imitar pessoas com outros sotaques.

Um dia, em casa, Adams ajudava o enteado de 6 anos a ensaiar uma poesia para a escola e descobriu que conseguia recitar um trecho com perfeição. Os dois repetiram aquelas palavras durante alguns dias. Depois, Adams resolveu experimentar um pouco mais de variedade, lendo letras de música encontradas na Internet. O ritmo das rimas havia disparado algo.

Como um carro que dá partida com dificuldade numa noite de inverno, sua voz começou a voltar. As cordas vocais passaram a soar como antes – não completamente, nem perfeitamente – mas, pelo menos, durante longos períodos. De repente parecia haver uma forma de contornar o problema, mesmo que ele não tivesse cura.

Adams mencionou sua descoberta no Blog do Dilbert, a história se espalhou e ele recebeu uma ligação do Dr. Morton Cooper, fonoaudiólogo, cujo método de tratamento de reabilitação para disfonia espasmódica lembra muito o que o próprio Adams havia descoberto. O método consiste em exalar lentamente enquanto se fala (por algum motivo, quem tem disfonia perde essa capacidade) e falar em outro tom.

Adams pratica o método há seis meses e, na maioria das vezes, consegue conversar normalmente quando mantém a voz baixa. “Ninguém pode

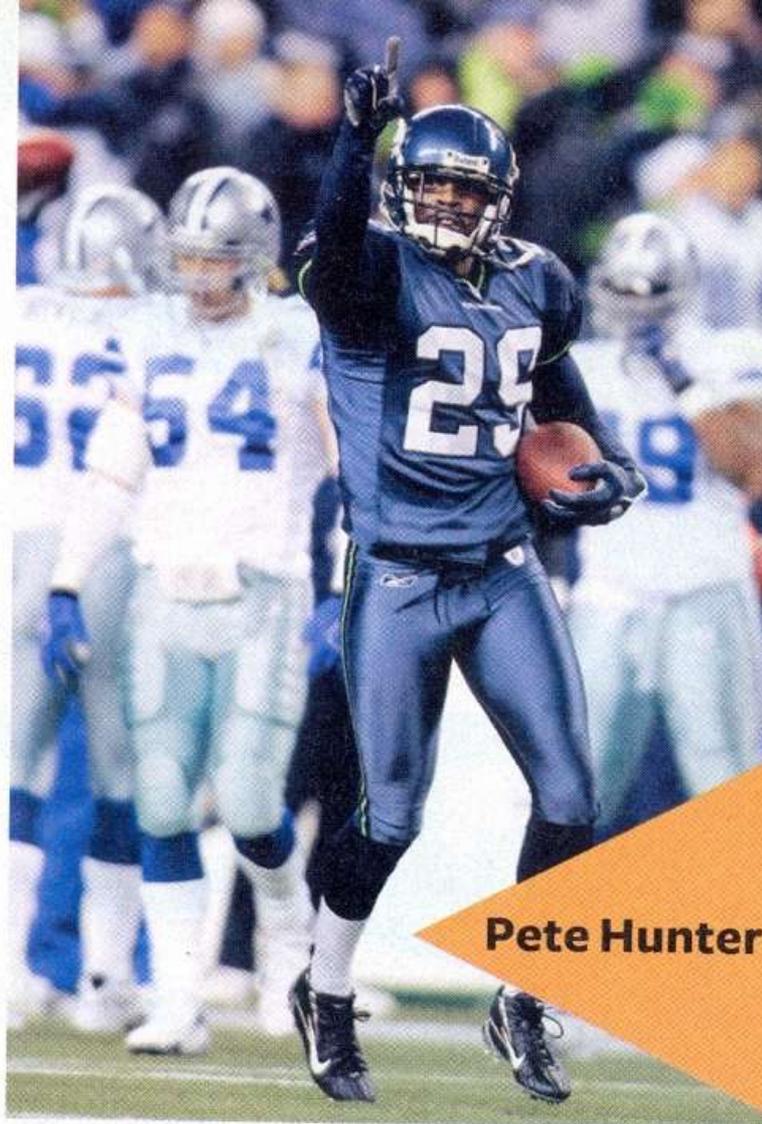
imaginar a solidão de não se poder falar ou a alegria de reaprender”, conta ele. Não houve a menor chance de Adams aceitar o “zero”.

## Apenas mais um cara achado na rua

O telefone tocou. Pete Hunter tinha o dia de folga do emprego como agente de empréstimos para uma empresa de hipotecas de Addison, no Texas. Em algum momento da vida, ele fora jogador do Dallas Cowboys, mas, após sofrer diversas contusões e ser mandado para o Jets, e depois cortado do time, acabara dispensado para o Browns. Cortado mais uma vez, sua carreira terminou. Hunter se manteve em forma correndo, fazendo musculação e submetendo o corpo aos mais rigorosos exercícios, mas começava a se perguntar se tudo aquilo valia a pena. “Quis desistir várias vezes. Então, no dia em que estava disposto a dar um basta, o telefone tocou.”

Era véspera de ano-novo, em 2007. Na linha, estava o gerente do Seattle Seahawks. Contusões, o mesmo que havia tirado Hunter do jogo, agora atingiam a defesa dos Seahawks. Havia perdido três dos quatro *cornerbacks* (zagueiros) ativos, logo antes da final. Precisavam de um sujeito com as habilidades de Pete Hunter.

Estaria ele à altura do desafio? Para



**Pete Hunter**

umentar a tensão que antecede o jogo, o atleta do Dallas Cowboys, Terrell Owens, resolveu zombar da remendada defesa dos Seahawks. Disse que Hunter e os dois jogadores que o time acrescentara ao esquema tático eram “apenas uns caras achados na rua”.

Mas, no jogo mais importante de sua carreira, Pete se adiantou a quatro atacantes numa jogada e recuperou a bola, forçando a interceptação. E no último lance da partida, Cowboys no ataque, a bola no ar iria para Terrell Owens. E Pete Hunter a interceptou. Nada mal para um cara que acharam na rua.

### RÓTULO INÚTIL

“A fábrica de canetas com tinta invisível adverte: este objeto não pode ser usado para assinar cheques ou outros documentos.”